

RESENHA*

ROSSETTI, Livio, *Introdução à Filosofia Antiga. Premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”*, São Paulo, Paulus, 2006, 440p.

O professor L. Rossetti propõe-se a percorrer a intrincada trajetória crítica de um conjunto de questões fundamentais para aquele tipo de leitor – endereça-se, neste livro, a um círculo mais amplo de cultores não especializados de disciplinas filosóficas e de outras temáticas (direito romano, história das ciências e da tecnologia, filosofias orientais, autores modernos que se nutriram da filosofia clássica) – que deseja refletir filosoficamente. Disponibiliza-lhe um aparato de instrumentos conceituais específicos; “um grande número de pequenos segredos” (p.9), que facilitam a aproximação desse “nem tão pequeno mundo” (p.337) em que a Filosofia Antiga consiste. São ferramentas de trabalho destinadas à decodificação das problemáticas mediações através das quais um texto antigo é proposto, já sensivelmente diferente do original e marcado por sucessivas revisões, cujos resultados não recebem explicações *ad hoc* nos manuais e em outros escritos: nem sempre se esclarece, por exemplo, que não há em dado fragmento de Heráclito a expressão *panta rei* com a qual seu pensamento é caracterizado, nem que os quatorze livros intitulados *Metafísica* não foram assim denominados pelo próprio Aristóteles.

* Resenha feita por Maria Carolina Alves dos Santos (mainasantos@terra.com.br). Faculdade de Filosofia São Bento (FSB, Mosteiro de São Bento, SP).

De posse desses instrumentos, aquele que não é do “ramo” terá mais chances de sobrepor-se ao filtro imposto pelas línguas em que os textos foram escritos; de apropriar-se das fontes que lhe propiciam o contato com o que neles permanece implícito; de compreender a mentalidade e os valores de uma cultura complexa e diversa da atual. A superação dos obstáculos que o mantêm à distância do saber da Antiguidade, supõe pressupostos específicos à tradição filosófica – conceitos-chave, noções e informações técnicas, convenções e “regras do jogo”, raramente expostas por escrito mas dadas como de domínio público. Ao suprir essas lacunas, esta obra o familiariza com a dimensão técnica da filosofia antiga e contribui para uma precisão maior na leitura.

A principal dificuldade para adentrar ao longínquo universo da filosofia pré-socrática é o confronto entre culturas e o modo peculiar de pensar de cada uma. O capítulo 2 (p.29) trata do que se entende por filosofia antiga e do significado de seu estudo no contexto da cultura atual. Saber quem somos postula a busca das próprias raízes que, quanto a nós, são gregas em grande parte: nesse “período memorável da filosofia” (p.12) na antiga Grécia, situam-se as coordenadas essenciais da cultura do Ocidente. E a formação intelectual da maioria dos filósofos ocidentais baseou-se no legado dos primeiros pensadores – cujas idéias, dotadas de grande potencialidade, foram “surpreendentemente ousadas, surpreendentemente simples ou surpreendentemente complexas” –, ainda que para criticá-los e tomar distância deles. O saber do homem contemporâneo nada mais é que uma elaboração à altura do seu tempo e uma resposta às suas próprias demandas, mas, nas grandes linhas da maneira de pensar e de organizar a vida em sociedade ele ainda é grego.

Os pensadores da Jônia, e depois os da Ática, entre os séculos VII e V especialmente, apostaram na razão, nas formas geométricas, nas *technai*, na

ciência, no pluralismo ideológico, nas instituições civis, observa Rossetti. E, tudo isso está ligado entre si por uma intuição ou visão estruturada do mundo e do lugar do homem nele, passível de grande quantidade de especificações e de diversificações ulteriores, o que demanda uma leitura embasada no conhecimento dos contextos teórico, histórico, ideológico, político, social e econômico, nos quais ela mesma está incrustada. Os filósofos a teriam explicitado, argumentando e objetivando certas idéias-guia que lhe conferem consistência, fazendo de tais temáticas objeto de escritos e outras formas de comunicação – os quais deram origem a uma reflexão polifônica que se sedimentou de vários modos – que nos possibilita fazer uma escolha racional e legítima entre as interpretações, e falar disso, hoje, sem excessivas dificuldades (p.37).

Em suma, a filosofia antiga resultante desse longo processo, não somente se constitui numa passagem obrigatória para muitos tipos de discurso ou num traço integrante da nossa identidade de ocidentais, como também representa um mundo distante e complexo, o suficiente para nos colocar em dificuldade se o abordamos sem a necessária preparação (p.17). Para ir além de uma compreensão superficial e pré-fabricada dele a que nos submetem comumente os manuais, é preciso um contínuo esforço mental a partir de um suporte (p.13). É com o objetivo de fornecê-lo que o autor enfoca aqui esta série de questões:

1.prioritariamente, trata da convergência entre as atividades do filósofo e do filólogo – a leitura dos textos quase sempre é intermediada pelo uso de dicionários e de gramáticas – especialidades, cujo entrecruzamento (ainda não foi suficientemente explorado) permite superar inúmeros problemas da investigação do saber antigo, desde que os textos são artefatos, isto é, escritos reconstituídos por editores: especifica os recursos e deveres do filólogo, em especial em relação à questão da paternidade – o tema da autenticidade da

obra –, e à do anacronismo – que permite distinguir o que nela é verdadeiro ou falso –, tornando mais precisa a instrumentação para sua abordagem;

2. retoma, as grandes linhas do vasto e sinuoso percurso dos textos gregos e latinos da época dos primórdios até a da atualidade, evidenciando as inúmeras manipulações, perdas, alterações, falsificações, afora lapsos não intencionais, de que eles foram objeto pelas intervenções dos copistas, eliminando detalhes que constavam dos originais, introduzindo outros, novos, fazendo incrustações suspeitas, sedimentações ilegítimas, que as intervenções filológicas – procedendo a uma espécie de filtragem –, procuraram remover, visando restituir-lhes a forma que mais se aproxima da originária.

3. indica também o que nos foi transmitido com maior integridade, os textos autênticos, com as quais podemos contar atualmente; fornece critérios para decodificar uma série de indicadores que dão acesso a essas fontes precisas de informação, noções-moldura segundo o autor (p.27), que consistiriam em idéias a respeito de como enquadrar determinadas problemáticas e de como se apropriar das regras do jogo, de modo que o leitor não mais permaneça confinado à periferia de uma disciplina de tão considerável complexidade.

A cuidadosa exposição – da qual não se deve esperar “nem uma breve história, nem um prospecto cronológico, nem um repertório bibliográfico, nem tampouco um léxico comentado de termos filosóficos, facilmente encontráveis em outros livros” (p.10-11) – desse percurso crítico em 17 capítulos, distribuídos nas 6 partes que a compõe, se completa em cada capítulo, com a indicação de leituras complementares pertinentes e atualizadas, para posterior aprofundamento; e, sob uma perspectiva mais ampla – além de mapas, ilustrações de textos e pinturas – contém extenso glossário de mais de 200 termos, noções mencionadas ao longo da exposição.

Resenha: Introdução à Filosofia Antiga. Premissas...

Lívio Rosseti, como professor que é de História da Filosofia Antiga (Universidade de Perúgia-Itália), por seu indiscutível conhecimento sobre o assunto, expõe com erudição porém de modo acessível (fazendo uso freqüente das transliterações no caso de palavras que também aparecem em caracteres gregos), conceitos fundamentais – aqueles que compõem o seu núcleo duro –, destaca a contribuição da filologia, vetor central e fecundo dessa pesquisa, em torno do qual organiza os outros aspectos. Por sua minuciosa abrangência, municia o leitor brasileiro de um conjunto de coordenadas a propósito de questões básicas e de critérios para a aproximação da reflexão filosófica dos textos dos gregos e latinos, alertando-o contra a presença (freqüente) das imagens estereotipadas sobre um autor, corrente ou filiação filosófica. Ao aplainar-lhe o caminho do conhecimento do mundo clássico segundo exigências específicas prévias a um estudo mais acurado, vedados a princípio, a quem não é da área, explicitando e informando o indispensável a uma incursão sobre a problemática natureza da Filosofia Antiga, ilumina-lhe a consciência sobre o passado da filosofia. Sua obra, que se pretende apenas introdutória àqueles que se aproximam episodicamente dessa temática (p.337), acaba por constituir-se num livro de consulta, a ser lido repetidas vezes.